

Você precisa saber do espinafre, da transição... Baby! Você precisa comprar o que eu sei.

Valdir Heitor Barzotto

Em 16 de dezembro de 2013, a revista *Em dia* publicou uma matéria intitulada *Fases de transição escolar – Saiba como orientar seus filhos*, para a qual fui entrevistado pela jornalista Ana Livia Fernandes. Assim que a jornalista expôs o que seria o conteúdo, alertei que provavelmente eu falaria o contrário do esperado. E, de fato, no texto publicado, a minha contribuição apareceu no final, com o subtítulo *Um ponto de vista diferente*. Fiquei bastante agradecido por minhas respostas terem sido introduzidas desse modo e não ter sido diluídas no texto fundido-se com outras posturas. Isso me permite continuar a tratar do assunto do meu jeito, a partir das áreas em que atuo: a Linguística e a Educação. Desse lugar, um dos meus focos de interesse é verificar, com apoio na Análise do Discurso, na História da Leitura e na Psicanálise, o que é que se constrói em um texto para além do que está explicitado em sua superfície.

Nas respostas dadas à jornalista, procurei incidir sobre o que se `vende` à criança, ou aos responsáveis por ela, quando se trata de falar em transição escolar. As diferentes áreas do conhecimento produzem posicionamentos sobre os diferentes fenômenos que tomam como objeto de análise e põem esse conhecimento em circulação, às vezes como mercadoria. Também eu tenho interesse em colocar meu conhecimento em circulação e alerto os leitores que procuro formar para que fiquem atentos aos produtos constituídos e postos em circulação nos mais diferentes discursos.

Relato aqui uma interação que presenciei entre uma pessoa adulta e algumas crianças, da faixa etária entre de 09-10 anos enquanto eles expunham os textos que fizeram sobre alimentação. Sempre que a adulta se deparava com alguma frase como *eu gosto de espinafre, ontem eu comi beterraba*, a pessoa adulta dizia com alteração na voz: *Nossa, você gosta de espinafre?! É mesmo, você comeu beterraba?!*

Depois de ouvir várias vezes frases como estas, perguntei à locutora, para ouvir o óbvio, por que estava falando daquele modo: *É porque criança em geral não gosta ou pelo menos reluta em comer essas coisas*.

Reproduzo aqui mais ou menos o que disse para ela: Mas note que é você que está tentando promover uma adequação dessa criança ao que você entende que seja a nossa cultura. Embora as crianças digam espontaneamente, ou motivadas pela educação que receberam em casa ou da professora, que comeram isso ou aquilo, você está informando a elas que, naquilo que você entende que seja a nossa cultura, crianças devem dizer que não gostam disso ou daquilo. Você aceitou que o modelo de criança chata, enjoada, constituídas em textos publicitários, por exemplo, deve corresponder a todas as crianças.

Estou contando esse episódio para retomar o assunto da transição escolar. Do mesmo modo que não nego que algumas crianças relutem em comer algum tipo de alimento, também não nego que algumas sintam dificuldades em fazer transições, quaisquer que sejam.

O que procuro fazer é alertar para a venda do produto. Não é necessário que a coordenadora pedagógica da escola faça uma reunião ampliadíssima com os responsáveis, nem que oriente as professoras para apresentar às criança esse objeto: agora vocês estão com problemas com a transição e há profissionais de prontidão para ajudar.

Tal informação não se justifica nem mesmo de forma sub-reptícia numa falinha bem compreensiva caramelizada com cristais de conhecimento.

Veja matéria completa em

<http://www.revistaemdia.com.br/net/index.php/fases-de-transicao-escolar-saiba-como-orientar-seus-filhos/>